

Uma discussão sobre as práticas de anorexia e bulimia como estéticas de existência

Marisa Helena Silva Farah^I
Cecília Hanna Mate^I

Resumo

Este artigo tem por finalidade apresentar a análise realizada a respeito das práticas de emagrecimento, manutenção do peso e das formas corporais, a partir do relato de jovens anoréxicas e bulímicas autodenominadas Annas e Mias, no espaço virtual. Tem como objetivo educacional trazer situações de vida jovem na contemporaneidade para pensá-las nos contextos escolares, considerando que a temática do emagrecimento frequentemente atravessa o período da adolescência, fase marcada pelo relacionamento com diferentes professores das áreas específicas. As fontes utilizadas para a análise aqui feita são textos descritivos que se apresentam nos *blogs* dessas jovens, por meio dos quais manifestam as regras de conduta para tornarem-se Annas e Mias. A análise realizada em torno dessas práticas e discursos ensejou a possibilidade de inseri-las em três conjuntos de experiências, que se imbricam: as experiências das modificações corporais, as experiências identitárias virtuais e as experiências de si. Com essas reflexões, quisemos mostrar que esses e outros acontecimentos, embora possam parecer distantes da sala de aula, atravessam os muros da escola, são visíveis, manifestam-se e podem nos ajudar a reinventar a docência.

Palavras-chave

Anorexia – Bulimia – Experiências de si – Corpo-identidade.

^I- Universidade de São Paulo,
São Paulo, SP, Brasil.
Contatos: ms.farah@bol.com.br;
hannamat@usp.br

Practices of anorexia and bulimia as an aesthetics of existence

Marisa Helena Silva Farah^I
Cecilia Hanna Mate^I

Abstract

This article aims to present the analysis of practices of weight loss, maintenance of weight and body shapes, using the account of anorexic and bulimic young women who call themselves Annas and Mias in virtual space. Its educational goal is to bring situations of the life of young people in contemporary times to examine them in school contexts, considering that the topic of weight loss is often present in the period of adolescence, a phase marked by relationships with several teachers in specific areas. The sources used for the analysis are descriptive texts presented on the blogs of these young women through which they manifest the rules of conduct to become Annas and Mias. The analysis of such practices and discourses has given rise to the possibility of including them in three sets of experiences that intertwine: experiences of body modification, virtual identity experiences and experiences of the self. With these reflections, we have intended to show that, although these and other events may seem distant from the classroom, they actually go through school walls, are visible, manifest themselves and can help us reinvent teaching.

Keywords

Anorexia – Bulimia – Experiences of the self – Body-identity.

^I- Universidade de São Paulo,
São Paulo, SP, Brasil.
Contact: ms.farah@bol.com.br;
hannamat@usp.br

Introdução

Corpo e identidade¹ são temáticas que podem ser tratadas em paisagens epistemológicas bastante diversificadas. No entanto, constituem duas faces de uma mesma moeda. Ou seja, ao tratarmos das questões que envolvem o corpo, quer em suas dimensões biológica, psicossexual, política, econômica, sociocultural ou histórica, invariavelmente defrontamo-nos com elementos que tratam de identidades individuais, coletivas, culturais, familiares, escolares etc.

O par corpo-identidade é aqui trazido em relação, ou seja, como um feixe imbricado de nós que assinala a dificuldade de definição de suas fronteiras, diante do fato de que somos sujeito-corpo e de que não há possibilidade de nenhum processo de subjetivação sem tal unidade de existência. O pensamento condicionante e subjacente a isso é a perspectiva de permanência, ainda que provisória, de um conjunto de elementos psíquicos experimentados pelo sujeito como desejo de construção de um si que ora busca se diferenciar do outro, ora se vê refletido no outro, além de apresentar um conjunto de elementos físicos e biológicos que caracterizam o humano. Ambos (o eu e o outro) aparecem, assim, inseridos num campo de forças que, além do afetivo, constitui-se, simultaneamente, pelos campos cultural, social e político.

Nesse sentido, propõe-se uma discussão sobre o acontecimento da anorexia e da bulimia, partindo do relato das práticas de emagrecimento de jovens – manutenção do peso e do formato corporal –, no sentido da relação existente entre o corpo e a identidade na constituição do sujeito. Observamos que essas práticas surgem, mais evidentemente, no período inicial da adolescência, sem idade final demarcada. Por outro lado, tais práticas também podem ocorrer desde o final da infância, como resultado do

apelo geral pela magreza, especialmente a feminina, em nossa sociedade.

No entanto, parece fecundo levar em consideração que, sendo a adolescência um período de grandes mudanças físicas, fisiológicas, psicológicas e sociais, é também um momento de reformulação do eu que se despede da infância para atingir a idade adulta. Tal período coincide com a entrada do adolescente no ensino fundamental II e com o início da atuação de diferentes professores de áreas específicas, momento em que o currículo escolar se diversifica em diferentes disciplinas. É, portanto, em torno desse momento que se busca pensar os sujeitos-corpos que habitam a sala de aula.

Procedimentos analíticos

As reflexões que seguem foram realizadas durante o ano de 2012, tomando como referência os relatos das práticas de jovens do sexo feminino, veiculadas no espaço virtual – 40 *blogs* nacionais –, bem como as postagens dos anos anteriores. O critério de seleção dos *blogs* tem relação com a adesão dessas jovens à anorexia e à bulimia como um estilo de vida.

A análise considera, primeiramente, a incidência de aparição dos elementos virtuais em dois textos que se repetem nos *blogs* analisados, considerados aqui como essenciais, pois indicam: aconselhamento, incitamento e prescrição para a manutenção da magreza; formação de uma identidade coletiva; e conjunto de técnicas que objetivam um gerenciamento de si. Os textos são intitulados “Dicionário Ana & Mia” e “Como se tornar uma Ana”, mas podem se apresentar com variações nos títulos, embora sem alterar estruturalmente o conteúdo. Num segundo momento, a análise busca demonstrar como os discursos e práticas dessas jovens podem ser inseridas no conjunto das experiências das modificações corporais e das experiências identitárias virtuais apresentadas por Farah (2011). Nesse sentido, o conceito de experiências de si, desenvolvido pelo filósofo Michel Foucault (2009), auxilia-nos a pensar o tema.

1– Este artigo é um desdobramento de tese de doutorado intitulada *Corpo-identidade: leituras, práticas e vivências na formação de professores em diferentes licenciaturas*, defendida por Marisa Helena Silva Farah, em 2011, na Faculdade de Educação da USP, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Cecília Hanna Mate.

Como parte da discussão do problema, apresentamos a seguir o quadro médico que classifica a anorexia e a bulimia como transtornos alimentares.

Transtornos alimentares: anorexia e bulimia

A anorexia nervosa (AN) e a bulimia nervosa (BN) são consideradas pelos especialistas da saúde como pertencentes ao quadro de transtornos alimentares (TA) e têm sido estudadas tanto nos segmentos da medicina (psiquiatria, endocrinologia, nutrição, farmacologia) e da biologia (genética e neurologia), como nos segmentos da sociologia e da psicologia.

O atendimento aos indivíduos diagnosticados com TA busca frequentemente um acordo interdisciplinar para direcionar o tratamento, diante da multifatorialidade que o referido transtorno apresenta – fatores predisponentes (individuais, familiares e socioculturais); fatores precipitantes (dietas e eventos estressores); e fatores mantenedores (fisiológico, psicológico e cultural)² –, além da comorbidade, ou seja, a presença de dois ou mais transtornos num mesmo indivíduo clinicamente diagnosticado.

Cordás (2004) aponta que as doenças pertencentes ao grupo dos transtornos alimentares costumam afetar especialmente “adolescentes e adultos jovens do sexo feminino, levando a marcantes prejuízos psicológicos, sociais e aumento de morbidade e mortalidade” (p. 155).

Em 2002, a American Psychiatric Association (APA) aponta que 90% dos casos de anorexia nervosa ocorrem em mulheres. Por outro lado, Melin e Araújo (2002) sinalizam a dificuldade de diagnóstico de AN e BN em homens, diante das diferenças entre os gêneros a respeito dos motivos que levam os homens a fazer dietas e dos conflitos em relação às formas corporais e às alterações endócrinas.

Segundo os critérios de classificação³ e diagnóstico da *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM)⁴ de 1994, o termo *anorexia*, derivado do grego *orexis* (apetite, desejo) e do prefixo *an* (privação, ausência), não é considerado adequado, pois, no caso do indivíduo anoréxico, não há falta de apetite, mas uma atitude deliberada do indivíduo de não comer. Por outro lado, sendo a anorexia considerada um distúrbio alimentar, sua característica seria a recusa do indivíduo a manter seu peso corporal na faixa normal considerada mínima pelos especialistas da saúde.

Esses sujeitos, que temem ganhar peso ou ficar gordos, utilizam métodos de redução alimentar, que vão desde um regime alimentar muito restrito até a purgação – vômito induzido e uso de laxantes e diuréticos. Uma das consequências fisiológicas para o sexo feminino é a alteração do ciclo menstrual, dentre outros problemas. Em ambos os sexos, quando o transtorno é analisado de uma perspectiva psicológica, observa-se uma distorção da imagem corporal (que ocorre também nos casos de bulimia), diante da importância dada ao peso e à forma corporal. Nesse sentido, o transtorno também pode ser classificado como transtorno dismórfico corporal (TDC).

A anorexia nervosa pode ser dividida em tipo restritivo e tipo compulsão periódica/purgativo, significando, no primeiro caso, o uso de dietas, jejuns e exercícios excessivos e, no segundo caso, um quadro de compulsões periódicas e purgações, ou ambas.

Dentre vários estudos realizados sobre o tema, há um estudo histórico (ARAÚJO et al., 2012) que discute os discursos dominantes sobre a anorexia nervosa:

3- É importante não perder de vista a perspectiva crítica a essas classificações. Como exemplo, citamos o artigo de Renata Guarido (2007), que problematiza tais classificações como modo de medicalizar o sofrimento psíquico.

4- Manual para profissionais da área da saúde mental que apresenta uma classificação dos transtornos mentais e critérios para diagnóstico, de acordo com a American Psychiatric Association – APA (Associação Americana de Psiquiatria). Em maio de 2013, foi oficialmente apresentada pela APA a edição DSM-V.

2- Ver especialmente: Morgan; Vecchiatti; Negrão (2002).

o [discurso] da família psicossomática, na base da etiologia da doença; o da família “adoecida”, que se reorganiza em torno da doença; da família resiliente, que apoia a recuperação e vence a doença. Cada um destes pressupostos criou diferentes personagens narrativas, distribuindo o papel de vilões, vítimas e heróis diferenciadamente aos pais, irmãos, anoréticos e terapeuta. (p. 479).

Já a bulimia nervosa, cuja denominação é uma união dos termos gregos *boul* (boi) ou *bou* (grande quantidade) com *lemos* (fome), está relacionada às compulsões periódicas de alimentação (ingestão alimentar, em um período aproximado de duas horas, de uma quantidade superior àquela que a maioria dos indivíduos consumiria nas mesmas circunstâncias) e práticas de compensação, como métodos para evitar ganho de peso. O transtorno é qualificado como tal quando a compulsão periódica e as compensações ocorrem, em média, durante três meses e pelo menos duas vezes por semana (DSM-IV, 1994).

Tal qual no indivíduo com anorexia, a forma e o peso corporal são critérios fundamentais na autoavaliação do sujeito bulímico. No entanto, na maioria das vezes, eles apresentam o peso considerado normal na relação idade-altura, embora alguns possam estar com um peso levemente acima ou abaixo do normal.

Há dois tipos bulímicos: o tipo purgativo, no qual o indivíduo vomita por autoindução, utiliza laxantes diuréticos ou enemas⁵, e o tipo sem purgação, em que o indivíduo realiza compensação (jejuns, exercícios excessivos) para a ingestão compulsiva de alimentos, sem outros comportamentos.

Como apontado acima, esses dois transtornos alimentares, embora se configurem de forma diferente, estão totalmente relacionados

nas diversas experiências contemporâneas que se faz com o próprio corpo. Essas experiências implicam uma expectativa de mudança radical no formato corporal, bem como na maneira de ser e estar no mundo.

Annas e Mias

Anorexia: vem do latim. Significa sem fome. É um distúrbio alimentar (do ponto de vista médico) e psicológico. Do ponto de vista anoréxico, a anorexia é um estilo de vida em que a pessoa come muito pouco, apenas o suficiente para sobreviver, passa “às vezes” dias sem comer e gosta de um estilo de magreza como ideal de beleza. Nós anoréxicos(as) “apelidamos” nossa amiga de Anna ou Mia⁶. (*Dicionário Ana & Mia*)

Annas e Mias são termos utilizados como uma alusão à anorexia e à bulimia, bem como uma identidade coletiva constituída por jovens, especialmente do sexo feminino, que também podem se autodenominar princesas, anjos, borboletas, bonecas e crianças. O objetivo dessas jovens é chegar a um processo de emagrecimento ou à manutenção do baixo peso corporal por meio de dietas, ausência de alimentação, vômitos forçados, exercícios e medicação, investindo nessa tarefa sem limites relativos aos cuidados com a saúde. Os limites que separam as práticas relacionadas à anorexia e à bulimia são indicados por algumas participantes, como veremos mais adiante.

As jovens se apresentam no espaço virtual por meio de *blogs* ou grupos fechados no Facebook, com perfis falsos – conforme elas mesmas relatam – para não serem identificadas, especialmente por seus familiares. Ao criar *blogs* ou registrar comentários nesses espaços, apresentando suas práticas, aconselhando ou pedindo conselhos, essas jovens estabeleceram seu espaço identitário denominado “Pró-Annas,

5- Enema: introdução de substâncias líquidas ou semi-líquidas através do esfíncter anal, com o objetivo de induzir a defecação ou ministrar medicamentos.

6- Todos os textos referentes aos *blogs* serão apresentados aqui sem correções ortográficas.

Annas e Mias” e variações envolvendo a palavra Ana, com o objetivo de se manter magra.

A utilização dos termos *Anna* e *Mia* parece indicar uma adoração a alguma entidade ou, então, uma essência a ser buscada diariamente em suas práticas: “Chegar a Anna, chegar a Mia!”, como um estado de êxtase em comunhão com uma deusa da beleza.

Nesse sentido, algumas participantes dos grupos referem-se a Anna ou a Mia como anorexia santa, uma referência às santas italianas que viveram entre 1200 e 1600 e tiveram comportamento anoréxico em resposta a uma estrutura social e patriarcal à qual estavam submetidas (CORDÁS; WEINBERG, 2002; CORDÁS; CLAUDINO, 2002).

Podemos observar, no texto abaixo, uma busca da perfeição magra, de um corpo mínimo:

“Chegar a Anna” é chegar num estado natural do corpo. Um mecanismo natural de defesa para épocas de escassez.

Ser Anna é viver com o mínimo e não com nada. Pois sem nada, o único lugar a se chegar não é a perfeição e sim, a morte. Ser Anna é encontrar um equilíbrio entre a vida, a magreza e a beleza. (*Dicionário Ana & Mia*)

Algumas jovens relatam a adesão à magreza e ao grupo de Annas e Mias como consequência do sofrimento vivido em seu meio social, especialmente escolar, quando a magreza se configurou como determinante estético da beleza. Portanto, para elas, serem ou se sentirem gordas levou-as a estados de infelicidade e imoralidade, impedindo seu lugar de pertencimento nas identidades coletivas. Obviamente, esse sentimento de imoralidade é efeito de um discurso de verdade, conforme será apontado adiante.

Considerando o risco de morte a que estão expostas, devido às práticas de emagrecimento levadas até o limite (quando se instala o transtorno alimentar), e à preocupação das famílias dessas jovens, podemos perceber, em seus *blogs*, um fator importante. As postagens

variam entre um período de comunicações diárias ou semanais e um período de ausência de postagens. Os motivos dessa ausência vão desde uma fragilidade da saúde – incluindo internações hospitalares – até a desconfiança dos familiares, amigos e psicoterapeutas, o que, em muitos casos, leva ao fechamento do *blog*. Posteriormente, elas podem reaparecer com outro perfil, em algum outro *blog*, sinalizando sua presença, ou então optar por abrir um novo *blog*.

A aquisição do próprio *blog* constitui um ritual de passagem para essas jovens, pois reafirmam o pertencimento a uma identidade coletiva, bem como fortalecem suas identidades individuais. Isso pode ser visto pela criação de novos *designs* e formas de relatos para expressar ideias e experiências que propiciam o desenvolvimento de uma nova matriz a ser seguida – o *blog* criado – e uma expressão da rede identitária.

Assim, Annas e Mias estabelecem um sistema de apoio mútuo na busca e manutenção da magreza, que pode ser identificado no conteúdo dos *blogs* a partir dos seguintes elementos: relato das atividades, indicações de dietas, conselhos, metas (de peso), frases e imagens de celebridades magras como incentivo para manter a dieta (*Thinspiration*⁷), medidas de autodisciplina, desafios, tabela de altura e peso, dicas de exercícios etc.

Soma-se a esse sistema o fato de se apresentarem com nomes falsos, como forma de se manter secretamente atuantes nos *blogs*. Uma outra prática no discurso virtual que indica também um sistema de apoio é a criação de um dicionário com vocabulário próprio para relatar suas práticas diárias, semanais ou mensais – dissimulação da magreza, das dietas, dos vômitos, das compulsões etc. –, sem que sejam identificadas.

Dessa maneira, para relatar práticas de automutilação ou de autoflagelo, utilizam as abreviaturas AM e AF, respectivamente. Ou, então, quando querem relatar a prática de

7- Algo como “inspiração magra”, que viria a partir do estímulo de fotos de pessoas extremamente magras.

vômito deliberado (ao ingerir uma quantidade de alimentos ou calorias acima das regras estabelecidas nas dietas), empregam a palavra *Miar*, abreviação de vomitar. Mas essas três práticas são condenadas por determinados grupos como forma de manutenção da magreza, por serem consideradas doências. No entanto, isso não impede que sejam identificadas em seus relatos.

Especificamente, as práticas de emagrecimento se apresentam com os nomes *No Food* (identificado na escrita como NF), *Low Food* (identificado na escrita como LF) e *Semi-NF*. Caracterizam-se, respectivamente, por dietas radicais baseadas em ficar sem comer; comer pouco (de 70 a 800kcal) e; ingerir menos de 100 calorias. Nessa classificação, pode ser considerada uma *Semi-NF* aquela que ingerir pouquíssimas calorias, até a quantia mínima de 1Kcal:

Cuidado quando chegar a Ana para não ficar com anorexia-doença e viciar-se em NF, ficar com a auto-imagem distorcida e querer chegar a um nível de magreza que a única forma de conseguir é com a morte. (...) (*Dicionário Ana & Mia*, 2012).

Tal classificação da ingestão de calorias permite que as jovens mais experientes nessas práticas, e que se apresentam no *blog* com o menor peso, tornem-se referência (líderes) para as iniciantes. A partir daí, pode-se verificar essa liderança por meio das indicações de dietas, dicas de dissimulação, entre outros conselhos.

Como práticas de identificação entre Annas e Mias, e simultaneamente como um elemento sinalizador e controlador da dieta, elas estimulam o uso de pulseirinhas nas cores vermelha e roxa:

Pulseirinhas Ana e Mia é uma forma de antes de comermos e quebrar a dieta, nos lembrar-mos [sic] de nosso compromisso. A pulseirinha vermelha significa anorexia. E a roxinha significa bulimia. E, de certa forma, também é uma forma de nos reconhecer-mos [sic]. Se vir uma

pessoa magra e vaidosa que come pouco, mais fala que come e evita comer que usa uma pulseirinha vermelha, é possível que ela seja Anna. (...) Se vir alguém normal, mas que sempre come sozinho (no quarto, evita comer em público) ou que quando vai a eventos como rodizio de pizza, vai ao banheiro assim que terminar de comer e come exageradamente, além do mais usa uma pulseirinha roxa de vez em quando, mantém as unhas curtas é possível que seja uma Mia. Compre ou faça logo uma pra você! (*Dicionário Anna & Mia*, 2012)

Outros conselhos, procedimentos e regras de conduta (de 20 a 53 itens, que variam nos diferentes *blogs* pesquisados) aparecem sob os títulos “Como tornar-se uma Ana”, “53 dicas para parar de comer”, entre outros. São exemplos de alguns itens que constituem o texto:

1. Coma sempre o pequeno almoço; 2. Coma o mais devagar que puder; 3. Coma em frente ao espelho; 4. Quando tiveres ânsias (compulsão) por comida conta até 100; 5. Pouse o garfo entre cada garfada; 7. Disfarça a descoloração da pele debaixo das unhas por falta de nutrientes com verniz de cor; 11. Limpa alguma coisa suja, de [sic] certeza que vais perder o apetite; 12. Escove os dentes; 20. Ande sempre com as nádegas contraídas 22. Imagine como será a comida no estômago e como a gordura será formada; 28. Veja sempre foto daquela thinspiration linda; 29. Pesa-te sempre; 33. Come pastilhas elásticas; 41. Durante os dias de nf ou lf muito baixo, pingue entre 3 à 10 gotas de limão (com uma gota de zero cal, a gosto) em 500ml de água gelada; 45. Estabeleça punições. (53 DICAS...,2011).

Esses aconselhamentos e os demais conteúdos (receitas de dietas, desafios, tabela de altura e peso, metas etc.), comentários, confidências e confissões foram analisados

levando-se em conta os estudos de Michel Foucault, cujo domínio de análise está relacionado a certas práticas de grupos ou de indivíduos – discursivas e não discursivas. Esses estudos nos incitam a pensar sobre um determinado campo de ação, onde é possível perceber: a homogeneidade de práticas e as técnicas de fazer; a identificação das práticas a um campo do saber (práticas discursivas), a um campo do poder (relações com o outro) e a um campo da ética (relações consigo mesmo) e; a generalidade na qual se observam as relações entre os extremos (normal e anormal). Sobre essas bases, podemos pensar nesses conteúdos em discussão como um conjunto de técnicas que objetivam um gerenciamento constante de si, constituídas pelos elementos a seguir.

a) Técnicas de vigilância (alimentação, dieta e controle de peso): detalhamento dos tipos de alimentos que podem ser ingeridos, com especificações quanto à sua quantidade calórica; horários ideais de ingestão dos alimentos; tempo da mastigação; modo de ingestão; local da alimentação; tamanho do prato; dias específicos em que se pode ingerir uma quantidade maior de alimentos e; controle de peso diário.

b) Técnicas de controle (da fome e compulsão): ingestão de comprimidos para azia; descarte de comida “em excesso”; substituição de comida por ingestão constante de água; escovação dentária com maior frequência; realização de limpeza em “coisas nojentas”; mastigação de pastilhas elásticas; visitar amigos onde não possa comer; posições corporais para diminuição de dores de estômago; sair com pouco dinheiro.

c) Técnicas de expurgo (dos alimentos): indicação dos mais variados tipos de laxantes e medicamentos em geral, que podem ser ingeridos separada ou conjuntamente, como o conhecido ECA – efedrina, cafeína e aspirina –, bem como detalhamento das formas “mais apropriadas” de incitar o vômito, com o objetivo de expurgar o alimento ingerido.

d) Técnicas de autopunição: embora não muito indicada entre elas, há um fortalecimento da prática de punições diante da fome ou

da compulsão, que podem ser desde o AF (autoflagelo) até o AM (automutilação).

e) Técnicas de identificação: uso de pulseirinha roxa e vermelha, sinalizando ser Ana ou Mia.

f) Técnicas de disciplina corporal: desde a indicação de exercícios específicos até maneiras de se sentar, andar e deitar, com o intuito de queimar calorias ou evitar a fome.

g) Técnicas de visualização: incitação de imagens mentais sobre os efeitos negativos do alimento ou sobre o fato de tornar-se gorda. Nesse sentido, são também apresentadas as técnicas de introjeção, em que a proposta é manter uma contínua estimulação do olhar voltado para imagens de pessoas magras, lindas e bem-sucedidas (*thinspiration*), por meio de fotos postadas em seus *blogs*, e nos *blogs* indicados, como estímulo à autoestima na relação beleza-magreza.

h) Técnicas de disfarce: indicação de roupas que disfarçam a magreza, verniz para a descoloração das unhas, sacos de lixo para o descarte de comida em locais públicos, maquiagem para disfarçar as olheiras.

A partir dessa análise, mostra-se a seguir de que maneira tais práticas e técnicas podem ser inseridas, no campo das experiências das modificações corporais (EMC) e das experiências identitárias virtuais (EIV), como experiências que constituem o processo de modificação corporal e busca de uma nova identidade, ao qual chamamos de corpo-identidade (FARAH, 2011).

As experiências e as experiências de si

Do lado do corpo, igualmente se manifestam duas fantasias essenciais: desmaterialização e hibridação.
(FELINTO, 2005)

As experiências das modificações corporais

No final do século XX e começo do século XXI, pudemos identificar a forte característica em diversos campos do saber – medicina

diagnóstica, ortopedia, neurofisiologia, arte, genética e mesmo no espaço cibernético, dentre outras – da necessidade de exploração do corpo que, levada ao limite, também se encontra na perspectiva estética (beleza) e pode se apresentar de forma híbrida ou não.

Chamamos de experiências de modificações corporais (EMC) um grande grupo de experiências sob o registro de determinadas modificações que se fazem no corpo, considerando que o critério para mantê-las sob esse feixe de ações é o de serem realizadas no tempo e no espaço desejados pelos sujeitos, bem como sob a determinação prévia de um *design* final.

Tais experiências ainda podem ser divididas em dois grandes blocos. O primeiro se constitui de modificações que se aproximam da forma humana e são conhecidas como culto ao corpo, incluindo os exercícios físicos e as incursões estéticas alimentadas pela cosmética, massagens, nutrição, medicina cirúrgica (próteses funcionais, implantes, eliminação ou redução de gorduras etc.). Reunidas, essas experiências, que trazem uma série de práticas de controle e de vigilância sobre o corpo, visam a modificar cabelos, pele, formato do corpo e do rosto, para alisar, branquear, aumentar contornos ou retirar excessos etc., de acordo com os padrões de beleza vigentes. Uma economia do corpo que se expande nos produtos, nos instrumentos cirúrgicos, na produção de próteses, nos tratamentos clínicos e nas academias.

O segundo bloco seria constituído pelas experiências que se distanciam da forma humana, conhecidas como *body modification* (BM), as quais alteram e registram no corpo as marcas dos protestos contra uma homogeneização desses corpos – colocadas na pele, sob a pele, perfurando a pele. Caracterizam-se pelos *piercings*, escarificações, implantes, tatuagens, e, nessa mesma direção, os eventos das suspensões (por ganchos), por se utilizarem de *performances* ritualísticas de prazer e dor.

Vergara (2007) aponta duas possibilidades para a dor na experiência da *body modification*: a primeira seria como válvula de escape dos

conflitos e a segunda, como uma maneira de lidar com o prazer e o erotismo. Já Pires (2005) sinaliza que muitos dos seguidores da *body modification* iniciaram essas práticas na passagem para a vida adulta, como uma forma de marcar uma mudança em sua vida.

Entende-se, assim, que a prática da anorexia e da bulimia, como estilo de vida adotado por determinados sujeitos aqui trazidos, pode ser considerada como uma tentativa de estabelecer a relação com os outros e consigo mesmo por meio do corpo, como apontado por Pires (2005) ao tratar das práticas de *body modification*:

(...) Ao fixar no corpo, por livre iniciativa, de forma concreta, embora codificada, as inquietações e desejos de sua mente e de seu espírito, ele faz com que a intervenção corporal aja como um elo que unifica a dualidade existente entre o corpo físico e o corpo espiritual-mental. (p. 159).

Pode-se dizer que as inquietações e desejos apresentados nos grupos de Annas e Mias são resultantes de uma ausência do olhar do outro e que, num processo inverso de intervenção corporal, elas buscam desmaterializar o corpo por meio de uma magreza extrema: “Se não veem minha alma, que vejam meus ossos”⁸. Há um apelo à visibilidade, que se dá pela diminuição das dimensões corpóreas, para que a alma possa se revelar nos ossos visíveis.

O paradoxo desse comportamento é que a condição de participação no grupo das Pró-Annas como estilo de vida está pautada no mesmo critério do regime de pertencimento do grupo social anterior, do qual se sentiram excluídas – ser magra –, com o terrível acréscimo de correrem o risco de morte. Isso indica os dois polos das relações de poder entre elas, dentro de um sistema de apoio perverso, como podemos ver abaixo, no espaço de comentários de um *blog*:

8- Fonte: <http://natyanamiah.blogspot.com.br>.

25 06 2010

julia (18:27:55):

oi segui seu conselho estou um pau de vira tripa to no hospital morrendo e horrorosa to com 15kg meu marido me largo pq t magra de mais ele diz q eu to feia e q eu preciso de um medico pq sou loca

Resposta

17 08 2010

Mileycha Valverde (20:45:10):

Você precisa ter foco! Estabelecer limites e saber utilizar as informações ao seu redor. A decisão é sua! Você não precisa ser influenciada por ninguém. Saiba o que quer, e batalhe por isso. Boa sorte!

A busca de pertencimento ao grupo nos mostra o jogo de poder efetuado por aquela que é líder: a um só tempo, insiste no cumprimento das regras de conduta – disciplinamento do corpo para a magreza – e retira sua responsabilidade na coerção.

A partir dessas considerações, podemos tentar entender as práticas realizadas por essas jovens dentro do campo das EMC nos dois blocos citados no início deste item, tomando os seguintes pontos: a) nas práticas de emagrecimento realizadas por essas jovens, há o desejo de um *design* final de seu corpo, num processo simultâneo de construção de suas identidades individuais e de pertencimento a uma identidade coletiva – Annas e Mias, princesas etc.; b) O *design* final desejado é sempre renovado por uma nova técnica: de vigilância, de disciplinamento, de expurgo etc., que identifica seus constantes esforços e reverências às celebridades. Nesse sentido, o fator estético explícito encontra-se na busca do equilíbrio entre a vida, a magreza e a beleza; c) como num jogo de prazer e dor, essas jovens buscam superar os limites suportáveis da fome e da fraqueza corporal – tal qual o participante do *body modification* busca o prazer também na superação dos limites da dor – e demonstram a satisfação pelo peso diminuído, como num ritual de passagem.

Experiências identitárias virtuais

As experiências da anorexia e bulimia relatadas no espaço virtual aqui examinado, como um estilo de vida, também podem ser inseridas no conjunto que chamamos de experiências identitárias virtuais (EIV), que correspondem às diferentes formas de imersão e expressão no ciberespaço e que permitem novas possibilidades de entretenimento, de existência, de comunicação e de socialização.

Para Lemos (2007), o ciberespaço pode ser entendido na confluência de duas concepções: “como um lugar onde estamos quando entramos num ambiente simulado (realidade virtual), e como o conjunto de redes de computadores interligadas ou não em todo o planeta, a internet” (p. 128). O autor nos propõe pensar o ciberespaço como um não-lugar ou espaço imaginário – sem dimensões –, que se torna um espaço mágico pela sua ubiquidade, pelo tempo real em que as informações são transmitidas e pelo espaço não físico que ele representa. Nessa perspectiva, o ciberespaço se configura como a possibilidade de manipulação do mundo ou da “criação de um mundo paralelo, de uma memória coletiva, do imaginário, dos mitos e símbolos que perseguem o homem desde os tempos ancestrais” (p. 128–129), mas que anda lado a lado com a racionalidade tecnológica contemporânea.

As formas de imersão podem ser observadas em vários tipos de entretenimento virtual, como nos *video games* – na ação do jogador de um ponto de vista externo ou interno –, e especialmente nos ambientes de realidade virtual, com a utilização de receptores sensoriais como: *data gloves* – luvas sensoriais; capacetes de visão; *data suits* – roupas que permitem a sensação do corpo total na realidade virtual; sapatos que dão informações sobre o impacto dos pés ao pisar no solo; *Wearable Webcam/HMD* – sistema de câmera sem fio acoplado aos olhos. Nesse tipo de imersão, a experiência da relação

corpo-identidade no sujeito *interator*⁹ toma outros formatos:

Em diversos sistemas interativos, há a construção de um corpo temporário, que pode ser uma figura gráfica no qual as personagens ou “identidades” construídas – os avatares – podem agir e reagir de acordo com as regras da situação. A relação que acontece entre corpo e identidade situa-se na construção de um *design* corporal escolhido para se representar dentro do virtual, mas também dos sentidos modificados da corporeidade de quem experimenta o jogo. (FARAH, 2011, p. 50)

Já as formas de expressão, comunicação e socialização podem ser vistas nas diversas comunidades virtuais, como no Facebook, Twitter, *chats* e também nos *blogs*. Dentre as possibilidades de interações sociais na rede, o *blog* (*weblog*), criado em 1999, tem se configurado como um espaço frutífero de comunicação, pois pode ser utilizado tanto como um espaço pessoal como institucional. É um grande canal de expressão caracterizado por postagens diárias, o qual pode gerar diferentes conteúdos de imagens e sons.

Lemos (2005) aponta, em outro estudo, que a cibercultura se caracteriza por três leis fundadoras que podem ser observadas na ferramenta do *blog*: a liberação do polo de emissão – que significa o acesso à construção de seu próprio *blog*; o princípio de conexão em rede – *blogs* fazem referência a outros *blogs*; e a possibilidade de reconfiguração com novos formatos midiáticos e práticas sociais – cada qual cria ou recria, à sua maneira, as formas por meio das quais quer se expressar (fotos, textos, vídeos, figuras etc.).

Nesse sentido, podemos dizer que a apresentação de si no espaço virtual e os modos de subjetivação imbricam-se com os agenciamentos tecnológicos, e que a relação

entre a infraestrutura dada e as necessidades dos participantes vai se construindo mutuamente.

A experiência identitária virtual de Annas e Mias se dá na medida em que, ao construírem seus *blogs*, participam ativamente de um processo criativo que ocorre diante da descoberta de novas formas de produção, armazenamento e circulação da informação (*links* internos e externos). E, por serem criticadas por suas práticas de emagrecimento, encontram no espaço virtual a possibilidade de expressão, de ampliação do compartilhamento da experiência estética e do fortalecimento da identificação grupal que lhes dá um sentido de pertencimento.

Por outro lado, isso não significa estarem essas jovens fixadas numa só tribo, já que o deslocamento de um grupo a outro, sem deixar de pertencer a nenhum deles, é próprio do contemporâneo. Nesse sentido, a rede potencializa esse deslocamento e oferece um amplo leque de possibilidades identitárias coletivas, que agrupam sujeitos por um processo seja de marcação da diferença, como um estilo de vida, seja de exclusão (do outro) ou de segregação (dos marginalizados).

De outro modo, apresentar-se no espaço virtual é, a um só tempo, estar sob dois regimes: da imagem e da visibilidade. No regime de imagens no espaço virtual, estamos em duas pontas: pelas produções imagéticas (e sonoras) criadas e com as quais comunicamos e interagimos (fotos, filmes, vídeos, gráficos, desenhos, figuras, palavras etc.); e pelo imaginário, isto é, pelo mundo paralelo que o próprio espaço virtual pode representar e que nos permite ser o que quisermos, também por nossas produções de imagens mentais.

No regime de visibilidade, está contemplado não somente o que é visto, mas o que se dá a ver ou que pode ser visto. Na situação do ciberespaço, isso pode ser mais facilmente identificado nos ambientes virtuais, especificamente naquele tipo de realidade virtual compartilhada, cujos eventos audiovisuais podem ser também sensoriais, levando-se em conta o uso de receptores

⁹ - Machado (2007) propõe o termo *interator*, pois não identifica mais esse sujeito receptor, ativo e imerso como um usuário, espectador ou receptor.

sensoriais. Mas como as apresentações de si, como tentativas de construções de sujeito veiculadas nos *blogs*, podem ser consideradas nesse regime de visibilidade?

Em primeiro lugar, deve-se considerar que a exibição de fotos de seu próprio corpo e das demais fotos ali publicadas, somadas aos discursos de si, permitem a construção de uma imagem (subjativa) que tem como função provocar uma determinada impressão ao leitor-usuário. A visibilidade, nesse caso, se dá, pois, não mais pelo compartilhamento simultâneo da realidade entre dois sujeitos num espaço físico concreto, mas em termos de imagética.

Uma configuração tecnológica que, no ciberespaço, pode se apresentar especialmente fragmentada, como no perfil do usuário no qual as imagens das partes do corpo – um torso, perfil de barriga ou de rosto etc. – subentendem o todo. A configuração pode estar também distorcida, com o uso que se faz de programas de edição de fotos, como o Photoshop, para alcançar a imagem de um corpo sem as *imperfeições* da pele e da forma. Uma tentativa de potencializar uma parte sua que pode ser interessante ou atraente tanto para a comunidade com a qual se identifica quanto para aquela à qual se deseja pertencer. E, finalmente, a configuração pode ser oculta em sua essência, ou seja, uma imagem subjativa, reinventada num discurso de si.

As experiências identitárias virtuais (EIV) se mostram aí na imbricação entre os recursos tecnológicos produzidos, compartilhados e recriados e as imagens atuais de si como um novo modelo, uma simulação (fingir ser o que não se é ou ter o que não se tem), e uma dissimulação (fingir não ter o que se tem ou não ser o que se é), um simulacro.

É nesse modelo construído especialmente por meio das edições-manipulações de imagens que as práticas discursivas de Annas e Mias, tendo a magreza como estilo de vida, podem ser entendidas a um só tempo no hibridismo dos dois tipos de experiências: as experiências de modificações corporais (EMC) e as experiências identitárias virtuais (EIV). Essas

duas experiências se mostram, assim, reunidas numa mesma experiência corporal-identitária como uma porta de vaivém. Aqui, o corpo que se modifica e se recorta não dói, não sangra, mas o sujeito vive o prazer de uma imagem “perfeita”!

Por último, é também a configuração de um *hiper corpo* nesse não-espço, desterritorializado, porque se estende na sua capacidade de atingir ou afetar pessoas com sua presença (visual, vocal, textual).

As experiências da magreza observadas nas práticas discursivas de Annas e Mias, apresentadas acima e inseridas no campo das EMC e EIV, podem ainda ser entendidas, como veremos a seguir, dentro da noção de experiência de si, isto é, como forma histórica de subjetivação, conforme o pensamento deixado por Foucault.

A experiência de si

Consideremos as áreas que formam o conjunto das ciências da saúde e da estética em nossos dias. O ponto em comum privilegiado nessas áreas é a ideia construída de um corpo saudável que é preferencialmente magro e, por isso, belo. Saúde e estética constroem, assim, um saber sobre o corpo saudável e belo, tendo a magreza como eixo condutor de seus discursos, que, embora não homogêneos, aparecem simultaneamente nos discursos midiáticos e na incitação de práticas e técnicas de emagrecimento.

No discurso de toda a rede de profissionais de apoio à saúde e dos profissionais da estética, chegando até ao diretor de novela, percebe-se uma busca por um corpo que revele ainda, e acima de tudo, a beleza e a juventude, que só podem ser evidenciadas por uma certa magreza, mas também por uma certa elaboração técnica corporal. Daí a constância das práticas de reconstrução e modificação do corpo. O efeito produzido por esses discursos é o de gerar um sentimento de imoralidade por ser gordo(a), feio(a) e velho(a), que atinge todo o tecido social.

A prática de um corpo saudável pode ser pensada à luz do que Foucault (2009) chamou dos três elementos necessários da constituição da experiência: os jogos de verdade, que consistem nos discursos efetuados por determinadas áreas do saber (no nosso caso, especialmente as ciências da saúde e estética), para dizer o que é falso ou verdadeiro sobre um determinado assunto (nesse caso, a saúde e a beleza); as relações de poder que estabelecem as normas a serem seguidas para a manutenção de um corpo saudável e belo; e as formas de subjetividade na relação consigo mesmo e com o outro, desenvolvidas a partir de uma consciência de si e de um conhecimento de si (técnicas de si).

Na experiência da magreza, é a dietética que se impõe como condição de bem-estar na constituição dos sujeitos, reformulando os tempos pessoal, familiar e social, por meio de prescrições e práticas de ascese¹⁰: detalhamento da alimentação, das atividades físicas e da estética. É o funcionamento de um poder que não se traduz mais nas relações de dominação ou coerção, mas de um poder que seduz para uma economia do corpo, a qual, por sua vez, vê-se refletida na produção e uso do saber sobre a magreza.

Sobre o discurso de uma vida saudável, a experiência da magreza como constitutiva da subjetividade vai se firmando como o sentido único para a salvação e a felicidade: só se pode estar salva e ser feliz sendo magra. A magreza se torna o fio condutor sobre tudo o que pode reger a arte de viver bem.

A busca pelo corpo magro é experimentada por um conjunto de práticas e técnicas que visa à transformação de si e que só ocorre por um refinamento dos cuidados de si. Foucault (1990), ao estudar a constituição da subjetividade dos sujeitos, apresenta-nos quatro grupos de técnicas¹¹ específicas das quais os

homens se utilizam para compreenderem aquilo que são. São elas: as técnicas de produção, as técnicas de sistemas de signos, as técnicas de poder e as técnicas de si, que

(...) permitem os indivíduos efetuarem sozinhos, ou com a ajuda de outros, certo número de operações sobre seus corpos e suas almas, seus pensamentos, suas condutas, seus modos de ser; de transformarem-se a fim de alcançar certo estado de felicidade, de pureza, de sabedoria, de perfeição ou de imortalidade. (p. 48)

As técnicas de si compreendem certo número de procedimentos/práticas regulares e racionais que definem o sujeito por meio dos modos e dos campos de ação com a finalidade de viver “tão bem quanto deveria”, dentro de um código moral, um comportamento moral e uma condução moral de si. Isso significa uma escolha ético-política para a sua própria existência – uma estética da existência –, por meio da qual é possível determinar qual é a “coisa perigosa” da qual quer ou deve se afastar.

A substância ética com a qual se trabalha na experiência da magreza é o si mesmo, no controle da fome, do peso e do formato corporal. Como sujeito moral, ele age sobre si mesmo, conhecendo-se, aperfeiçoando-se. No entanto, os modos de sujeição, através dos quais se estabelece a relação com as regras impostas e a elaboração do trabalho ético, podem variar.

Em primeiro lugar, as regras impostas no cumprimento da magreza não são homogêneas em todas as instâncias. Embora a medicina apresente os limites entre a saúde e a doença (na relação peso-idade-altura e condições gerais do corpo), estes não são incorporados na estética, pois há um vale-tudo para o corpo mais magro. Portanto, o jogo ético que se estabelece nas comunidades de Annas e Mias reflete esses mesmos desalinhos, ao permitir determinadas

domínio da sexualidade. O autor mostra, com esses dois exemplos, que as práticas que constituíram essas técnicas se diferenciaram em seus princípios morais e modos de ação entre os períodos estudados.

10- Foucault faz uma diferenciação entre a ascese praticada pela antiguidade greco-romana e a ascese praticada pelos cristãos. Para os primeiros, tratava-se da relação do indivíduo consigo mesmo, enquanto que, para os cristãos, tratava-se de renúncia de si mesmo e da prática do sacrifício.

11- Deve-se considerar que Foucault analisou essas técnicas na antiguidade pagã e cristã (do século V a. C. até os séculos IV e V d. C.) no

coisas e não outras, e cai no mesmo abismo diante da regra da diminuição do peso sem o risco de comprometimentos físicos. Então, o dilema enfrentado por Annas e Mias é como manter a magreza como estilo de vida, fugindo do adoecimento e da morte.

As regras de conduta para a manutenção do corpo magro, a que estão expostas Annas e Mias, advêm de duas instâncias, as do jogo social amplo – médicos, família e amigos – e as de seu próprio grupo virtual. Não há, no entanto, uma contradição entre as regras de uma e de outra, mas uma potencialização daquilo que é apresentado na primeira instância para a segunda. Isto é, aquilo que deve ser efetuado no corpo, ditado especialmente por médicos e nutricionistas para a manutenção de um corpo magro saudável, vê-se potencialmente utilizado por Annas e Mias para a manutenção de uma magreza extrema, para levá-las ao limite. É assim que as dietas, as formas de ingestão, o detalhamento sobre as calorias dos alimentos, as informações sobre os laxantes, entre outras informações, são aqui aproveitadas ao máximo ou, dir-se-ia, alteradas em seus extremos.

Na integração com o grupo virtual, o modo através do qual Annas e Mias se sujeitam ou não às regras pode também ser visto em duas variáveis. A primeira é uma revelação de si pela escrita, na qual são apresentados os sacrifícios e as práticas de ascese que têm como objetivo a manutenção no grupo. A segunda é uma confissão de si, que visa a apresentar suas recaídas, faltas, tentações, sofrimento diante da fome e da dor, sinalizando sua culpa por “ter saído da linha”.

Na elaboração do trabalho ético, ou seja, daquilo que é feito em si mesmo para manter-se moralmente aceito, pode-se identificar, em Annas e Mias, tentativas de regularização e sistematização das práticas de emagrecimento, que muitas vezes não se sustentam, pois algum acontecimento se interpõe a elas, como um adoecimento, uma internação, uma compulsão, uma descoberta da família sobre suas práticas etc.

A finalidade moral dessas condutas entre Annas e Mias não pode ser unificada, pois,

na tentativa de manutenção de uma magreza extrema, podem estar desenhados vários desejos. O desejo de uma firmeza moral, do domínio de si, de ter visibilidade, de ser tocada ou aceita, de ter paz, de bastar a si mesmo, de desaparecer, de experimentar o limite, de estar no limite, de brincar com o limite.

Considerações finais

A experiência da magreza extrema identificada em Annas e Mias, a partir do desejo, pode levar à ideia de *corpo sem órgãos* (CsO), termo criado por Antonin Artaud e posteriormente utilizado por Deleuze e Guatari (1996), que tem a proposta de colocar em questão a organicidade utilitária do corpo *versus* o desejo: como um programa de intensidades que atravessam o corpo, ou como um corpo aberto a experimentações. Nesse caso, há uma decisão de realizar experiências como, quando e onde se deseja, tal qual um ritual de passagem que pode dar sentido e marcar a entrada na vida adulta.

Com isso, é possível indagar se não seriam esses movimentos de autoconstrução do/no corpo-identidade rituais que, inventados e estabelecidos pelos próprios jovens, marcariam seu direito, o exercício e a estética de sua existência. Ou, ainda, se não seriam essas invenções também constituições sociais resultantes de um regime de pertencimento a identidades dos grupos.

Anorexia e a bulimia como estilo de vida buscado por Annas e Mias pode significar, assim, uma experiência-limite de uma estética da existência frente ao regime de verdade produzido pelas ciências da saúde e pela estética.

Esses acontecimentos podem parecer muito distantes da realidade educacional, assim como outras experiências que chegam à sala de aula e marcam a presença da vida adolescente na escola. No entanto, tais acontecimentos, nas suas mais diferentes manifestações, penetram pelos muros da escola e não ficam invisíveis no compartilhamento da realidade da sala de aula. Ao contrário, sua presença força as fronteiras

do que é considerado pedagogicamente correto e faz a docência ser reinventada.¹²

O resultado dessa análise nos leva a pensar que ser professor é estar imerso na vida jovem e suas diferentes narrativas. E isso pode ser a oportunidade de fazer alguma diferença no mundo adolescente escolar, se pensarmos que o que acontece nessa fase da

vida de nossos alunos nos diz respeito, afeta-nos, dá-nos referência para o que podemos/queremos fazer. Portanto, não se trata de propor mais funções e papéis ao professor, mas de pensar que o trabalho docente é atravessado por acontecimentos que surpreendem e, por isso, abrem espaço para um estado de não saber, um estranhamento para que, então, outros modos de ser professor possam ser (re)criados.

12- Para maior aprofundamento do assunto, ver MATE 2010, p. 159-160.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Diagnostic and statistical manual of mental disorders**. 4. ed. Washington, DC, 1994.

ARAÚJO, Maria et al. Os heróis, vítimas e vilões: discursos sobre a anorexia nervosa. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 472-483, maio/ago, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v24n2/24.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2012.

COMO tornar-se uma Ana. Disponível em: <<http://alfa-anna-mia.blogspot.com.br>>. Acesso em: 5 de abr. 2012.

CORDÁS, Táki Athanásios. Transtornos alimentares: classificação e diagnóstico. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 31, n. 4, p. 154-157, 2004. Disponível em <<http://www.hcnet.usp.br/ipc/revista/>>. Acesso em: 13 ago. 2012.

CORDÁS, Táki Athanásios; CLAUDINO, Angélica de Medeiros. Transtornos alimentares: fundamentos históricos. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 24, supl. III, p. 3-6, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbp/v24s3/13963.pdf>>. Acesso em: ago. 2012.

CORDÁS, Táki Athanásios; WEINBERG, Cybele. Santas anoréxicas na história do Ocidente: o caso de Santa Maria Madalena de Pazzi. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 157-158, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbp/v24n3/11035.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATARI, Felix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana L. de Oliveira, Lucia C. Leão e Suelly Rolnik. São Paulo: Ed 34, 1996. v. 3.

53 DICAS PARA FICAR SEM COMER. Disponível em: <<http://anaimia.blogspot.com.br>>. Acesso em: 3 dez. 2013.

DICIONÁRIO Ana & Mia. Disponível em: <<http://anaemia.no.comunidade.net>>. Acesso em: 3 mar. 2012.

FARAH, Marisa Helena Silva. **Corpo-identidade: leituras práticas e vivências na formação de professores em diferentes licenciaturas**. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2011.

FELINTO, Erick. **A religião das máquinas: ensaio sobre o imaginário da cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Tecnologías del yo y otros textos afines**. Barcelona: Paidós Ibérica, 1990.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. 13. ed. Tradução de Maria Thereza da C. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

GUARIDO, Renata. A medicalização do sofrimento psíquico: considerações sobre o discurso psiquiátrico e seus efeitos na Educação. **Educação e Pesquisa: Revista da Faculdade de Educação da USP**, São Paulo, v. 33, n. 1, p. 151-161, jan./abr. 2007.

LEMOS, André. **Ciber-cultura-remix**: seminário: sentidos e processos. São Paulo: Itaú Cultural, 2005. Apresentado na Mostra "Cinético digital". Mesa: Redes: criação e reconfiguração, ago. 2005. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/remix.pdf>>. Acesso em: 02 out. 2012.

LEMOS, André. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MACHADO, Arlindo. Atravessando a tela: a imersão. In: MACHADO, Arlindo. **O sujeito na tela**: modos de enunciação no cinema e no ciberespaço. São Paulo: Paulus, 2007. p. 163-173.

MATE, Cecília Hanna. **Didática e história**: encontros possíveis. Tese (Livre Docência) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2010.

MELIN, Paula; ARAÚJO, Alexandra M. Transtornos alimentares em homens: um desafio diagnóstico. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 24, supl. III, p. 73-6, dec. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbp/v24s3/13977.pdf>>. Acesso em: 5 fev. 2012.

MORGAN, Christina M.; VECCHIATTI, Ilka R.; NEGRÃO, André B. Etiologia dos transtornos alimentares: aspectos biológicos, psicológicos e sócio-culturais. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 24, supl. III, p. 18-23, dec. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbp/v24s3/13966.pdf>>. Acesso em: 5 fev. 2012.

MUSTARO, Pollyana. Corpo digital. In: ALVES, Giovanni; MARTINEZ, Vinicio. (Orgs.). **Dialética do ciberespaço**: trabalho, tecnologia e política no capitalismo global. Bauru: Document Arminda, 2002. p. 183-217.

PIRES, Beatriz Ferreira. **O corpo como suporte da arte**: piercings, implante, escarificação, tatuagem. São Paulo: Senac, 2005.

SE NÃO veem minha alma que vejam meus ossos. Disponível em: <<http://natyanamiah.blogspot.com.br>>. Acesso em: 21 set. 2012.

VERGARA, Ricardo López. Cuerpos transgresores – cuerpos transgredidos: carne y memória marcados. Los jóvenes y sus prácticas de modificación corporal. **Última Década**, Santiago, v. 15, n. 26, p. 103-119, jul., 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.cl/pdf/udecada/v15n26/art06.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2012.

Recebido em: 30.07.2013.

Aprovado em: 19.02.2014.

Marisa Helena Silva Farah é mestre e doutora em educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP). Ministrou curso de Difusão Cultural "Corpo-Identidade, Didática e Adolescência" na mesma instituição. Tem experiência em docência no ensino superior em Corpo, Movimento e Processos Terapêuticos, Faculdades Metropolias Unidas (FMU), Universidade Gama Filho (UGF), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Universidade Paulista (UNIP).

Cecília Hanna Mate – Livre-docente pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP). Atua na graduação (didática nas licenciaturas) e na pós-graduação (história do currículo) da FEUSP. Tem livro e artigos publicados nas áreas de currículo, história da educação e didática. Coordena o Grupo de Estudos sobre Discursos e Práticas em Educação (GEDISPE).